

BANALIZAÇÃO E DESPERDÍCIO

03-09-97

[Instituições de ensino superior são induzidas a ser medíocres em muitas atividades]

As universidades surgiram para preparar elites. Eram epicentros do que havia de melhor em termos de formação e pensamento. Muitas continuam a desempenhar exatamente essa função. Em países como a Grã-Bretanha, França ou Estados Unidos, as elites continuam a ser preparadas em círculos de liderança acadêmica apelidados “*Oxbridges*,” “*Grandes Écoles*” ou “*Ivy Leagues*”. Mas o desenvolvimento econômico, com sua democrática massificação do ensino superior, geraram outras funções profissionais, técnicas e culturais que foram sendo acrescentadas à missão original das universidades de forma bem diversa e muitas vezes irracional.

Hoje em dia, a missão original das universidades só é cumprida em centros de excelência acadêmica que conseguem uma combinação muito especial entre as atividades de ensino e de pesquisa, tanto de professores como de alunos. Essa combinação ocorre geralmente em programas de pós-graduação, tanto em instituições públicas como privadas. Mas seus altos custos fazem com que a fórmula privada seja bem menos frequente.

Nos principais centros de excelência dos países do primeiro mundo os docentes são atraídos pelos altos salários oferecidos, mas também por uma série de outras vantagens relativas à qualidade de vida e às condições de trabalho. Entre essas vantagens destacam-se o pequeno número de alunos por professor e o amparo à pesquisa sem entraves de ordem financeira, administrativa ou burocrática. É fácil entender, então, porque a função de preparar elites restringe-se a uma pequena parte dos sistemas nacionais de educação superior. Nos Estados Unidos, por exemplo, essa função corresponde a apenas 3% do ensino superior (pós-secundário).

Na segunda metade do século XX, passou a ser crucial não confundir essa função precípua e estratégica das universidades com as outras funções profissionais, técnicas e culturais do sistema de ensino superior em geral. Infelizmente não foi o que aconteceu no Brasil e em muitos outros países periféricos. Enquanto a educação pós-secundária foi se massificando, critérios e regras concebidos para uma dessas funções passaram a ser aplicados para as demais, impedindo uma racional divisão do trabalho.

Já constitui um grave problema que universidades públicas tradicionais (tipo USP) e iniciativas mais novas de grande êxito (tipo UNICAMP) sejam levadas a fazer de tudo: preparar elites, formar profissionais (como engenheiros, economistas ou médicos), treinar técnicos (como contadores, agentes de turismo ou enfermeiros); e ainda oferecer um ambiente propício a inúmeras outras formas de educação superior que não são necessariamente voltadas a uma ocupação específica (como ocorre, por exemplo, como muitos cursos de línguas, de artes e mesmo de filosofia). É muito difícil conseguir bom desempenho em tanta coisa ao mesmo tempo.

Mais grave ainda é a questão de fundo do recente protesto do professor José Arthur Giannotti: escolas eminentemente técnicas e profissionais são levadas a se tornar “universidades” para conseguir certos trunfos

administrativos. Para isso precisam exibir alguma pesquisa, demonstrar que pelo menos um terço de seus docentes já são mestres ou doutores, e garantir que também um terço dedicam-se em tempo integral à instituição. Como essas regras não são nada funcionais para a vocação que elas realmente têm, a única saída é montar um *lobby* capaz de apresentar pareceres positivos ao Conselho Nacional de Educação. E como os conselheiros não podem inspecionar todas essas escolas profissionalizantes de nível superior, acabam simplesmente confirmando os pareceres favoráveis.

É assim que se banaliza a idéia de universidade e se desperdiça recursos induzindo todas as instituições de ensino superior a serem medíocres em muitas atividades em vez de se concentrarem em funções nas quais podem e devem atingir excelência. É tão absurdo um estabelecimento de tipo Anhembi-Morumbi ser levado à prática da pós-graduação e da pesquisa, quanto é irracional uma universidade de tipo USP criar mais cursos técnicos e profissionais de graduação que dificilmente serão melhores do que outros já existentes no sistema de ensino superior.

Pior que essa crescente banalização da idéia de universidade é a resultante deturpação da idéia de autonomia. Foi reduzida a um expediente administrativo que nada tem a ver com sua origem iluminista que enfatizava a dimensão intelectual. Conserva, no máximo, algo da dimensão política que lhe foi dada pelo liberalismo e algo da dimensão econômica de inspiração socialista. O que resta da idéia de autonomia é uma troca do modelo ilustrado da racionalidade por um misto liberal-socialista de liberdade com igualdade. Na USP, por exemplo, multar automobilistas por excesso de velocidade é contra a liberdade; e cobrar anuidades dos alunos de famílias ricas para financiar os estudos dos alunos de famílias pobres é uma proposta combatida em nome da igualdade!